

DANIEL 7 E O ANCIÃO DE DIAS

A interpretação judaica-cristã de uma figura apocalíptica

Teresa Cristina dos Santos Akil de Oliveira¹

Resumo: O presente artigo analisa a interpretação da figura do Ancião de Dias em Daniel 7,9.13.22, a partir da recepção na literatura judaica e cristã. Por meio de revisão bibliográfica, o estudo examina inicialmente a localização canônica do livro de Daniel na Bíblia Hebraica e na Bíblia Protestante, bem como as principais propostas de datação. Em seguida, discute a questão da identidade do profeta Daniel. Por fim, investiga a estrutura interna da obra e o contexto da seção apocalíptica, com especial atenção à figura do Ancião de Dias e sua relevância para as reflexões sobre soberania divina, escatologia e identidade messiânica. Ao explorar a recepção dessas passagens ao longo da tradição, o artigo contribui para o aprofundamento do diálogo entre o texto bíblico e sua interpretação histórica no âmbito judaico-cristão.

Palavras-chave: Livro de Daniel; Ancião de Dias; literatura apocalíptica; escatologia; tradição judaico-cristã.

Abstract: This article analyzes the interpretation of the figure of the Ancient of Days in Daniel 7:9, 13, and 22, focusing on its reception in Jewish and Christian literature. Based on a bibliographical review, the study first examines the canonical placement of the Book of Daniel in the Hebrew Bible and the Protestant Bible, as well as its proposed dates of composition. It then discusses the question of the prophet Daniel's identity. Finally, it explores the internal structure of the book and the context of its apocalyptic section, with particular attention to the figure of the Ancient of Days and its significance for discussions on divine sovereignty, eschatology, and messianic identity. By investigating the reception of these passages throughout tradition, the article contributes to a deeper dialogue between the biblical text and its historical interpretation within Jewish and Christian contexts.

Keywords: Book of Daniel; Ancient of Days; apocalyptic literature; eschatology; Jewish-Christian tradition.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como temática geral o livro de Daniel e tem por objetivo principal apresentar uma exposição acerca de como a literatura judaica e cristã interpreta a passagem

¹ Pós-Doutora em Teologia (PUC-Rio), Doutora em Teologia (PUC-Rio), Mestre em Teologia (STBSB), Bacharel em Teologia (Fabapar) e em Comunicação Social (Estácio). Professora da Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT) e da Faculdade Vitória em Cristo (FVC). Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3997690161542105>>. E-mail: teresa.akil@seminariodosul.com.br ORCID iD: 0009-0003-3111-5249.

sobre o Ancião de Dias, presente em três versículos da seção apocalíptica da obra (Dn 7.9,13 e 22).

Esta pesquisa, desenvolvida a partir de revisão bibliográfica, está estruturada em três seções. Na primeira, intitulada “Localização canônica e época”, apresenta-se uma breve discussão sobre a posição do livro na Bíblia Hebraica e na Bíblia Protestante, bem como sobre sua datação. Na segunda seção, “O profeta Daniel”, aborda-se a questão da identidade do profeta. Por fim, na terceira seção, “O livro de Daniel”, analisam-se a divisão interna da obra e seu conteúdo, com especial atenção à figura do Ancião de Dias.

Destaca-se, por fim, que a relevância deste trabalho e de seu tema vincula-se ao campo teológico, uma vez que a figura do Ancião de Dias ocupa lugar central nas discussões acerca da soberania divina, da escatologia e da identidade messiânica no contexto bíblico e pós-bíblico. Ao investigar a interpretação dessas passagens, o estudo contribui para o aprofundamento do diálogo entre o texto bíblico e sua recepção na tradição judaica, ampliando a compreensão histórica e teológica do livro de Daniel.

Além disso, a presente pesquisa dialoga diretamente com os campos de investigação aos quais o Professor Dr. Valtair Afonso Miranda tem dedicado sua trajetória acadêmica, especialmente no âmbito da apocalíptica judaico-cristã e das recepções históricas do texto bíblico. Dessa forma, o artigo insere-se de modo coerente na proposta do dossiê temático da Revista Teologia, que celebra seus 30 anos de contribuição aos estudos bíblicos, históricos e teológicos na América Latina.

2 LOCALIZAÇÃO CANÔNICA E ÉPOCA

O livro de Daniel apresenta divergências quanto à sua localização canônica entre as tradições judaica e cristã. Na Bíblia cristã, figura entre os Profetas Maiores, logo após Ezequiel, posição que segue a ordem adotada pela Septuaginta e, posteriormente, pela Vulgata Latina. Nas Bíblias protestantes, os livros proféticos são organizados em dois blocos: primeiramente, os chamados Profetas Maiores — Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel — e, em seguida, os Profetas Menores — Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias (Silva, 2021).

Na Bíblia Hebraica, contudo, a disposição é distinta. Daniel não é incluído entre os Profetas (Nevi'im), mas na terceira e última divisão do cânon, os Ketubim (Escritos), onde se

encontra entre Ester e Esdras. Entre os Profetas, a ordem é composta por Isaías, Jeremias, Ezequiel e o conjunto denominado Trei Asar (“Os Doze”), que reúne os chamados Profetas Menores em um único livro, mantendo a mesma sequência encontrada nas Bíblias protestantes (Silva, 2021).

Essa diferença de posicionamento reflete distintas compreensões acerca da natureza do livro. Conforme observa Sicre: “As nossas edições costumam incluir entre os livros proféticos também Daniel, se bem que os judeus o coloquem entre os ‘Outros Escritos’ (Ketubím). A decisão atual parece acertada, já que Daniel é, ao menos em parte, o representante mais genuíno da literatura apocalíptica, filha espiritual da profecia” (Sicre, 2002, p. 174). A observação evidencia que, embora o livro possua características proféticas, sua identidade literária está profundamente vinculada à apocalíptica.

Quanto à época, pelo testemunho interno do livro, Daniel teria sido escrito por volta de 530 a.C., enquanto o profeta vivia na Babilônia, após o povo ter sido deportado por Nabucodonosor, no terceiro ano do reinado de Joaquim, rei de Judá (1.1-5). Dillard afirma que “a datação precisa e os nomes específicos de reis e lugares demonstram que o autor pretende suprir o leitor de informação histórica” (Dillard, 2006, p. 318).

3 O PROFETA DANIEL

Daniel (em hebraico, “meu juiz é Deus”) é um nome utilizado tanto na Bíblia quanto fora dela. No Antigo Oriente Médio, esse nome é mencionado na Epopeia de Aqhat (escrita antes do século XIII a.C. e descoberta em Ugarit), associado a um rei ideal, muito devoto e injustamente sofrendo. Na Bíblia, o nome Daniel aparece tanto em textos da época do exílio (Ez 14.14-20) quanto em textos do período pós-exílico (Ed 8.2; Ne 10.6), referindo-se a um dos exilados que retornaram da Babilônia para Israel.

O nome Daniel também designa o personagem apresentado como autor do livro que leva seu nome (Dn 8.1; 9.2.20; 10.2). Conforme Dillard e Longman III (2006, p. 316-317), o livro se apresenta como proveniente da experiência pessoal do próprio Daniel. Segundo o relato bíblico, ele seria de linhagem real (Dn 1.3) e, por isso, foi levado cativo para a Babilônia, onde recebeu o nome de Beltessazar (Dn 1.6-7). Para Lasor, Hubbard e Bush (1995, p. 647), “Daniel foi um dos jovens que Nabucodonosor trouxe de Jerusalém para treiná-los a servir no palácio do rei”.

Selecionado para ser preparado para o serviço na corte do rei Nabucodonosor (Dn 1.1-4), destacou-se por seu zelo para com a Lei de Deus (Dn 1.8) e recebeu o dom de interpretar sonhos (Dn 1.17). Conforme observam Hill e Walton (2000, p. 501), Daniel foi “um jovem israelita tirado à força da terra natal para ser treinado no serviço diplomático na grande cidade da Babilônia. Ele ascendeu rapidamente, tornando-se um dos oficiais mais respeitados do governo”. Em perspectiva semelhante, a Equipe Intersaberes (2015, p. 151) ressalta sua rápida ascensão administrativa. Silva (2020, p. 10) afirma que, por volta de 605 a.C., um grupo de judeus foi levado cativo para a Babilônia e que Daniel, então com cerca de 14 a 17 anos, foi um dos jovens conduzidos à força de Jerusalém, sendo posteriormente escolhido para servir no palácio real.

Acredita-se que Daniel tenha nascido por volta de 623 a.C. Alguns intérpretes defendem que ele seria descendente do rei Ezequias, com base na advertência registrada em Isaías 39.7: “Dos teus próprios filhos, que tu gerares, tomarão”. Ao ser deportado para a Babilônia, em 606 a.C., possivelmente teria sido feito eunuco no palácio, conforme o anúncio de 2 Reis 20.17-18, que menciona que descendentes da linhagem real serviriam como eunucos no palácio do rei da Babilônia (Silva, 2020, p. 10).

4 O LIVRO DE DANIEL

4.1. Estrutura literária e divisão de gêneros

Daniel é um livro que se divide entre os gêneros literários narrativo e apocalíptico (EQUIPE INTERSABERES, 2015, p. 151). Silva (2020, p. 12) observa duas partes bastante distintas na obra, afirmando que “dos capítulos 1 ao 7.1, a narrativa é feita em terceira pessoa (Dn 1.8; 2.20); do capítulo 7.2 ao 12, o relato é apresentado em primeira pessoa”.

Dillard (2006, p. 323) acrescenta que “dois gêneros caracterizam Daniel: narrativa palaciana e profecia apocalíptica. [...] As narrativas palacianas compõem a primeira metade do livro (Dn 1-6), enquanto as apocalípticas estão na última parte (7-12)” (cf. também Silva, 2020, p. 14).

Valtair Miranda (2025) complementa: “A primeira metade do livro de Daniel foca nesse tipo de confronto, onde gestos cotidianos se transformam em atos de resistência. A segunda metade do livro, porém, muda de tom, revelando visões (capítulos 7 a 12) que garantem ao fiel que a vitória final de Deus sobre os poderes opressores é certa.”

4.2. Idioma e peculiaridades textuais

O livro foi registrado em duas línguas: hebraico (Dn 1.1-2.4a; 8-12) e aramaico (Dn 2.4b-7.28) (Dillard, 2006, p. 316). Na Septuaginta (LXX), a obra recebeu acréscimos narrativos, tanto no capítulo 3 (Dn 3.24-90) quanto nos capítulos 13 e 14.

Considerando os cânones mais curtos — Bíblia Hebraica e Bíblia protestante —, o livro pode ser dividido em duas partes: 1) “Histórias da corte” (Dn 1-6) e 2) “Apocalipse de Daniel” (Dn 7-12) (Lasor; Hubbard; Bush, 1995, p. 648).

4.3. Histórias da corte (Dn 1-6)

As “Histórias da corte” consistem em narrativas didáticas e edificantes, pertencentes ao gênero tradicional da literatura judaica chamado Hagadá, que apresenta Daniel como uma figura exemplar. Dillard (2006, p. 323) observa que essa seção “contém seis narrativas isoladas que se centralizam em Daniel e/ou em seus três companheiros [...] na interação entre os heróis do livro e os membros da corte estrangeira”.

O objetivo dessas narrativas é duplo: 1) despertar esperança e fortalecer a fé dos judeus, oferecendo modelos de perseverança diante de normas morais e religiosas muitas vezes hostis; 2) reafirmar a proteção divina, mostrando que Deus preserva os fiéis, assim como protegeu Daniel e seus companheiros (Silva, 2021).

Nesse sentido, o autor não pretende apenas registrar fatos históricos da corte babilônica, mas apresentar relatos edificantes para os tempos difíceis do exílio.

A seguir, apresenta-se um breve resumo das narrativas de Dn 1–6.

4.3.1. A fidelidade de Daniel e seus amigos (Dn 1)

Ambientada na corte de Nabucodonosor, rei da Babilônia, esta narrativa apresenta Daniel e seus amigos sendo transportados de Jerusalém e escolhidos para servir no palácio, recebendo treinamento nas letras e na língua dos caldeus. Durante a preparação, foram oferecidos os melhores alimentos e vinhos da corte, mas Daniel resolveu no seu coração não se contaminar com a porção das iguarias do rei, nem com o vinho, e pediu ao chefe dos eunucos para comer apenas legumes e beber água.

Tendo seu pedido atendido, com a graça de Deus, o chefe dos eunucos percebe que Daniel e seus amigos estavam mais saudáveis que os demais. Quando apresentados ao rei, Daniel, Hananias, Misael e Azarias se destacam por sabedoria e inteligência. Silva (2021) comenta que “esse episódio apresenta o primeiro triunfo dos judeus diante dos gentios, mesmo estando em território estrangeiro”.

O ensino prático da narrativa é que guardar as leis alimentares de Levítico 11 trará honra e sabedoria (Dn 1.17).

4.3.2. O sonho de Nabucodonosor (Dn 2)

O rei Nabucodonosor tem um sonho perturbador que ninguém consegue revelar, nem os magos ou astrólogos. Enfurecido, ele ordena que todos os sábios de Babilônia sejam mortos. Ao tomar conhecimento do decreto, Daniel e seus amigos oram a Deus em busca de revelação. Após a oração, Daniel é levado à presença do rei e revela o sonho e sua interpretação.

O sonho apresenta uma grande estátua: cabeça de ouro fino, peito e braços de prata, ventre e coxas de bronze, pernas de ferro e pés em parte de ferro e barro. Uma pedra cortada da montanha, sem mãos, destrói a imagem e cresce até encher toda a terra. Daniel interpreta a estátua como reinos sucessivos: o ouro representando o reino de Nabucodonosor e os outros membros, reinos posteriores.

O rei reconhece a interpretação e coloca Daniel como governador de toda a província da Babilônia, além de chefe sobre todos os sábios. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego recebem cargos sobre os negócios da província. O ensino prático para os judeus exilados é que, ao orar persistentemente, Deus concede honra e engrandecimento (Dn 2.17-49).

4.3.3. A estátua de ouro (Dn 3)

Nabucodonosor constrói uma imagem de ouro e ordena que todos a adorem. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego recusam-se e são lançados atados na fornalha ardente. Para surpresa do rei, os três estão ilesos e passeiam dentro do fogo, sem danos, junto de um quarto homem, “semelhante ao filho dos deuses”.

O rei louva a Deus, faz um decreto para que ninguém fale blasfêmia contra Ele e prospera os três amigos na província. O ensino prático é a rejeição à idolatria, afirmando a

devoção exclusiva a Deus e que isso resulta em proteção, vida e salvação, mesmo diante de adversidades e perseguições (Dn 3.36-37).

4.3.4. A loucura de Nabucodonosor (Dn 4)

O rei sonha com uma grande árvore, formosa e frutífera, que chega até o céu, mas é abatida, restando apenas o tronco e raízes. Daniel interpreta que a árvore representa Nabucodonosor, cujo orgulho o fará perder posição e sanidade por um período determinado. Daniel aconselha arrependimento, mas o rei não o escuta.

Após sete anos vivendo como um animal selvagem, Nabucodonosor reconhece sua soberba, sua sanidade é restaurada e ele exalta a grandeza de Deus. O ensino prático é a necessidade de reconhecer o senhorio de Deus para receber restauração (Dn 4.34).

4.3.5. O banquete de Belsazar (Dn 5)

Durante um banquete, Belsazar e convidados bebem vinho em vasos do templo e adoram deuses de ouro, prata, bronze, ferro, madeira e pedra. Aparecem dedos de uma mão humana escrevendo na parede, e ninguém consegue interpretar. Daniel é chamado e revela o significado: repreende o rei por orgulho e idolatria e prediz a queda de Babilônia. Na mesma noite, Belsazar morre e o reino é conquistado por Dario, o medo.

O ensino prático é que desrespeitar Deus traz juízo, enquanto a reverência leva à exaltação (Dn 5.22-29).

4.3.6. Daniel na cova dos leões (Dn 6)

Durante o reinado de Dario, Daniel é promovido a presidente entre os governantes. Um decreto proíbe orações a qualquer deus, exceto o rei, mas Daniel continua a servir fielmente a Deus. Por isso, é lançado na cova dos leões, mas Deus envia um anjo que fecha a boca dos animais.

No dia seguinte, o rei verifica que Daniel está ileso e manda punir os acusadores. Daniel permanece próspero durante os reinados de Dario e Ciro. O ensino prático é que a fé inabalável, mesmo em ambiente hostil, traz honra, proteção e salvação (Dn 6.1-22).

4.4. Apocalipse de Daniel (Dn 7-12)

A segunda parte do livro, o “Apocalipse de Daniel” (Dn 7-12), reúne narrativas apocalípticas, um dos gêneros mais comuns no ambiente judaico da Palestina entre os séculos II e III a.C., período das origens do cristianismo e do judaísmo rabínico. Nessas histórias, a comunicação de revelações tinha por função gerar uma espiritualidade esperançosa diante das mais difíceis ameaças, oferecendo visões do futuro e da soberania de Deus.

4.4.1. As visões de Daniel (Dn 7-8)

A primeira história (Daniel 7-8) narra duas visões de Daniel: Na primeira ele viu quatro animais que representavam quatro reinos que se levantariam na terra e o Ancião de Dias, a quem virá o Filho do Homem, época em que o reino será dado aos santos para sempre (Dn 7). Na segunda Daniel viu um carneiro com dois chifres, sendo um maior do que o outro. O carneiro derrotou outros animais, mas foi desafiado por um bode vindo do oeste, com um grande chifre entre os olhos. O bode derrota o carneiro e se torna muito poderoso, mas o seu chifre grande é quebrado e em seu lugar quatro chifres menores surgem. Em seguida, Daniel vê outro chifre surgindo entre os quatro chifres, que cresce em direção ao sul, ao oriente e à terra gloriosa, e se torna grande até alcançar o exército dos céus e lançá-lo por terra. Daniel recebe de um anjo a explicação da visão: Ela é uma profecia sobre o futuro, envolvendo impérios sucessivos e conflitos que afetarão o povo de Deus - o carneiro com dois chifres representa os reis da Média e da Pérsia; o bode representa o reino da Grécia e os quatro chifres menores representam a divisão do império de Alexandre em quatro partes após a sua morte (Dn 8).

Essa história contém dois ensinamentos importantes para a cristandade: 1. Somos apresentados a uma importante concepção do messias como rei triunfador, mas Jesus, contrariando essa concepção, veio como um messias “Servo Sofredor” e como um messias “Filho do Homem” que veio do céu (7.13; Mt 26.64; Mc 14.61-64); 2. os animais que representam potências mundiais (7.3-7, 17, 23; 8.20-21) desde o tempo da Babilônia até o tempo do estabelecimento do Reino de Deus, é de grande ajuda para o entendimento dos simbolismos das feras no livro de Apocalipse (Ap 13.1-18).

4.4.2. A profecia das setenta semanas (Dn 9)

A segunda história (Daniel 9) narra que Daniel enquanto jejuava e orava pelo seu povo, o anjo Gabriel lhe revelou uma visão profética que previa um período de setenta semanas de anos (ou 490 anos), para que Deus cumpra Seus planos com o povo de Israel e Jerusalém. A profecia das setenta semanas é dividida em três partes: sete semanas, sessenta e duas semanas e uma última semana. As sete semanas é um período de 49 anos, que corresponde ao tempo para a restauração e a reconstrução de Jerusalém após o exílio. As sessenta e duas semanas é um período de 434 anos, que levaria até o aparecimento do Messias. A última semana é um período futuro (ou o ao fim dos tempos) ainda não cumprido, quando o messias seria morto e um governante vindouro destruiria a cidade e o santuário. Esses eventos são interpretados como referências à morte de Jesus Cristo na cruz e à destruição de Jerusalém e do Templo em 70 d.C. Aqui lembramos que Jesus falou sobre “os tempos designados das nações” (Dn 4:25 e Lc 21:24).

4.4.3. As visões finais (Dn 10-12)

A terceira história (Daniel 10-12) narra uma sequência de três visões: 1. Visão sobre o que acontecerá nos últimos dias (Dn 10); 2. Visão sobre sucessivos eventos políticos e militares envolvendo reis e guerras, alianças e conflitos, que precederão a Segunda Vinda de Cristo (Dn 11); 3. Visão sobre a grande tribulação que acontecerá no futuro, a proteção de Israel durante esse tempo, incluindo a ressurreição dos mortos, alguns para a vida eterna e outros para a vergonha e desprezo eternos, e mostra que, oportunamente, os sábios conhecerão os tempos e o significado de suas visões (Dn 12).

4.4.4 O Ancião de dias em Daniel 7.9–10 e 7.13–14

A figura do Ancião de Dias, em aramaico, *עֲתִיק יוֹמִין* (*attîq yômîn*), literalmente “envelhecido de dias”, é central na seção apocalíptica do livro de Daniel. Ele aparece em três versículos do capítulo 7 (Dn 7.9, 7.13 e 7.22), atuando como juiz soberano sobre os reinos humanos e conferindo autoridade duradoura ao “Filho do Homem”.

As passagens são apresentadas a seguir:

Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um Ancião de Dias se assentou (Daniel 7:9)

Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem; e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. (Daniel 7:13)

Até que veio o Ancião de Dias, e fez justiça aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino. (Daniel 7:22)

Esses três versículos estruturam uma moldura literária dentro da visão do capítulo 7. Inicialmente, Daniel apresenta quatro animais simbolizando reinos humanos marcados por poder e violência; posteriormente, a cena desloca-se para o céu, onde tronos são colocados, o Ancião de Dias se assenta e o tribunal é estabelecido. Ele surge como juiz soberano, cercado por miríades que o servem, e os livros são abertos, sinalizando o julgamento dos impérios humanos. Em seguida, “um como Filho do Homem” aproxima-se do Ancião e recebe domínio, glória e um reino eterno, estabelecendo o contraste entre os reinos temporários e o reino definitivo concedido à figura humana exaltada.

Dessa forma, o texto apresenta uma sequência clara: Deus julga os reinos passageiros e entrega autoridade duradoura àquele que governará para sempre, criando o núcleo da discussão sobre a identidade do Ancião de Dias.

4.4.4.1 Descrição e simbolismo do Ancião de Dias

A descrição do Ancião de Dias em Dn 7.9 enfatiza sua eternidade e majestade. Seus cabelos brancos e puros simbolizam sua existência anterior a todos os tempos, ressaltando seu caráter eterno. Conforme Wiersbe (p. 352), o “Ancião de Dias (Dn 7:9, 13, 22) é um nome dado a Deus para enfatizar seu caráter eterno. Ele é o Deus que existe desde a eternidade, que planejou todas as coisas e que está colocando seu plano em ação”. A brancura dos cabelos, portanto, não é mero detalhe visual, mas expressão teológica de sua preexistência e soberania sobre a história.

Essa imagem também comunica santidade e sabedoria infinitas. Baldwin (p. 150) observa que a descrição ressalta aquele que detém autoridade absoluta sobre o cosmos e sobre o curso da história humana. Goldingay (p. 225) acrescenta que retratá-lo como um homem

idoso sugere alguém augusto, venerável, respeitado, judicioso e sábio. Pode haver, inclusive, alusão à noção veterotestamentária de que Deus existe desde a eternidade, como afirmam Isaías 41.4; Salmo 90.2; 93.2; 102.25-28; e Jó 36.26. A brancura das vestes e dos cabelos pode ainda sugerir pureza moral, reforçando a ideia de perfeição ética no exercício do juízo.

Matthew Henry (p. 869-870) destaca que o juiz apresentado na visão é o próprio Deus Pai, cuja glória se manifesta em sua presença majestosa. Ele observa que o título Ancião de Dias expressa que Deus é “de eternidade a eternidade”, e que, se entre os homens a idade está associada à sabedoria, quanto mais naquele cuja existência transcende o tempo. A vestimenta branca como a neve simboliza esplendor e pureza em todas as aplicações de sua justiça, evidenciando a retidão absoluta de seus julgamentos.

O trono envolto em fogo reforça essa dimensão judicial. Pfeiffer (p. 51) interpreta o fogo como símbolo de pureza e julgamento reto, indicando que o Ancião de Dias atua como juiz justo. A presença de chamas e rios de fogo não apenas comunica poder, mas também a ideia de que todo mal será exposto e consumido diante de sua santidade. Assim, o cenário do tribunal celeste enfatiza a autoridade suprema daquele que preside sobre as nações.

De modo semelhante, Miller (p. 191) entende que os cabelos brancos simbolizam a eternidade daquele que existe antes de todos os tempos, identificando-o como Deus Pai, o Criador. Keuss (s.d.) ressalta que a expressão reflete a natureza duradoura da presença divina, que não conhece limites. Silva (2021) observa ainda que a expressão aramaica ‘attîq yôm pode remeter à respeitabilidade e à idoneidade de um magistrado, indicando autoridade judicial e moral.

De forma geral, a tradição rabínica interpreta o título como um epíteto poético para o Deus de Israel, associando majestade e ternura. Levias (2022) observa que, segundo Pseudo-Saadia e outros comentaristas judeus, Deus é frequentemente retratado como o venerável sábio investido de autoridade judicial, cuja severidade é temperada pela brandura do julgamento.

Dessa maneira, a figura do Ancião de Dias harmoniza-se com o retrato bíblico mais amplo de Deus como Criador, Sustentador e Juiz soberano de todas as coisas. A linguagem simbólica da visão não pretende descrever a essência divina em termos físicos, mas comunicar, por meio de imagens vívidas, sua eternidade, pureza, sabedoria e autoridade absoluta sobre a história e o destino dos reinos humanos.

4.4.4.2. Interação com o “Filho do Homem”

As passagens de Dn 7.13 e 7.22 ampliam a identidade do Ancião ao introduzir o “Filho do Homem”, que se aproxima de Deus para receber domínio, glória e um reino eterno. Em Dn 7.13, o Filho do Homem dirige-se ao Ancião, sugerindo, conforme Silva (2021), a presença de duas figuras distintas, sendo uma subordinada à outra.

Para Fonsatti (2022), o Filho do Homem é uma figura enigmática que representa alguém semelhante a um ser humano vindo do céu, recebendo de Deus — o Ancião de Dias — autoridade e realeza eternas. Keuss (s.d.) acrescenta que a expressão aramaica tradicionalmente traduzida como “um como filho do homem” é compreendida por alguns estudiosos como antecipação da autodesignação de Jesus no Novo Testamento, configurando uma leitura cristológica da passagem.

Há consenso entre os estudiosos de que, nos versículos 7.13 e 7.22, o termo “Ancião de Dias” refere-se a Deus Pai, sentado em seu trono, enquanto o “Filho do Homem” aproxima-se sobre as nuvens para receber autoridade e reino eterno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O capítulo 7 de Daniel constrói uma visão estruturada em dois níveis: o julgamento divino dos impérios humanos e a transferência de autoridade ao Filho do Homem. O Ancião de Dias emerge como síntese da eternidade, santidade e soberania de Deus, funcionando como juiz supremo, sustentando a narrativa apocalíptica e preparando a interpretação escatológica subsequente do livro.

Concluindo, tanto na tradição judaica quanto na cristã, o Ancião de Dias é compreendido como Deus — o Ser supremo e eterno — e não como um personagem separado ou distinto. A figura que se apresenta diante dele, o “semelhante a um homem”, é objeto de interpretação rabínica e exegética, sendo associada, por muitos comentaristas da tradição rabínica antiga, à figura messiânica ou ao destino coletivo do povo de Israel (Levias, 2022; Fonsatti, 2022; Silva, 2021).

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Almeida Revista e Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- BALDWIN, Joyce. **Daniel - Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- FONSATTI, José Carlos. **Os livros proféticos**. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2022. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>.
- GOLDINGAY, John E. **Word Biblical Commentary - Volume 30 - Daniel**. Texas: Word Books, 1989.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico Antigo Testamento de Isaías a Malaquias**. Edição Completa. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- INTERSABERES, Equipe. (Org.). **Apontamentos sobre a história das igrejas cristãs e os livros proféticos da Bíblia**. Curitiba: Intersaberes, 2015.
- KEUSS, Jeffrey. **The Ancient of Days. SPU Lectio**; leitura da Escritura: Daniel 7:1–14. Disponível em: <https://spu.edu/lectio/the-ancient-of-days/>.
- LASOR, William Sanford; HUBBARD, David Allan; BUSH, Frederic, W.M. **Panorama del Antiguo Testamento Mensaje, Forma y Trasfondo del Antiguo Testamento**. Buenos Aires: Nueva Creacion y Willam B. Eerdmans Publishing Company, 1995.
- LEVÍAS, Caspar; KOHLER, Kaufmann. **Ancient of Days. Jewish Encyclopedia, 2002-2021**. Disponível em: <https://www.jewishencyclopedia.com/articles/1490-ancient-of-days>.
- MILLER, Stephen. **Daniel: An Exegetical and Theological Exposition of Holy Scripture**. Vol 18. B&H Publishing Group, 1994.
- MIRANDA, Valtair Afonso. **Daniel: Comentário Bíblico Latino-americano**. 1. ed. São Paulo: Contra o Vento, 2025.
- PFEIFFER, Charles F. **Comentário Bíblico Moody**. Volume 1. Editora Batista Regular, 2017.
- SICRE, José L. **Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem**. Tradução de João Luís Baraúna. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SILVA, Antonio Carlos da. **Livro de Daniel**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2021. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 03 mar 2026.
- WHITCOMB, John C. **Daniel (Everyday Bible Commentary Series)**. Moody Publishers, 2018.
- WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo - Antigo Testamento**. Volume IV — Profético. Santo André: 2010.